

24-01-2025

# O SER POÉTICO

## Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Todas as vezes que ocorre uma mudança radical no tecido social são proclamados o fim da literatura e o declínio da poesia. É como se dissessem que a poesia é muito antiga para conviver com inovações avassaladoras e pouco salutar para permanecer viva em meio às estratégias econômicas e de guerras que fazem a roda do mundo girar. Entretanto, não parece antigo o que ponderou Pablo Neruda: a poesia é enxovalhada nas praças públicas e nas instituições de domínio, contudo os poetas são recebidos pelos governadores nos palácios. Isso prova que em alguma medida a poesia é uma voz ativa mesmo que pouco escutada. Entretanto, quem manda no mundo não pode hostilizá-la, sob pena de perder prestígio público. A permanência misteriosa da poesia, a despeito de tanta promessa de extinção, parece ser simples: o traço essencial da arte poética é a busca de sabedoria. Nisso poesia e filosofia se conjuntem como a flor e o Beija-flor... Os poetas, pode-se parafrasear Manoel de Barros, são essencialmente infantis e loucos considerando um mundo escroto e injusto. Estão aí, como disse Elisa Lucinda, semeando sonhos, enfrentando com versos os ditadores, propagando uma vontade de graça onde a graça parece não ter lugar. Estão aí estimulando novas formas de ver as coisas e celebrando o “susto de estar vivo”. Sabem os poetas que viver não é confortável; sabem também que não há remédio e remediação para as relações amorosas e para todas as relações. Por isso, não separam encantamento de enfrentamento, nem o ato de mastigar pregos com o de pastorear nuvens. Molham-se de vida com a chuva que sai de dentro de si em metáforas transgressoras e transcendentais. Querem a fecundidade. No mundo marcado pelo expansionismo econômico; pelo estrategismo financeiro; pela mercantilização de tudo, do solo, do subsolo, da água, do vento, da memória, da voz, da imagem e, inclusive, do olhar enredado na mineração de dados; marcado de guerras necessárias ao sistema e igualmente covardes com os que padecem na sua periferia; no mundo que positiva a violência e transforma o ato de comer num perigo, cabe aos poetas elevar o espírito coletivo, fustigar a imaginação, gritar por esperança. Cabe aos poetas salvar a língua, experienciá-la ao máximo, inclusive, promovendo deliberadamente desobediências gramaticais para o bem estético. Poetas não se contentam com o olhar geral. Querem magnificar o exíguo e o que ultrapassa o olhar genérico: o invisível do humano. Essa é a sua prenda diária e inviolável. Eis que surgem os sustentáculos do ser poético. Aliás, no passado houve gente que fez a devida separação entre poetas oficiais e paisanos. Entre poetas sentimentais e poetas operários. Entre poetas do espírito e poetas da matéria. Entre idílicos e depravados. Entre os que escalam a vida em versos e os que vão aos versos para se esconderem da vida.

Todos os poetas e todas as poetisas estão aí nas ruas, nas vielas, nos escombros e também nos porões dos palácios de verniz. Estão de olho no acontecimento do trabalho e na festa pobre do consumismo; estão dentro e fora das procissões, dos cultos, dos gritos pelos Direitos Humanos nas praças engomadas de cimento. Estão dentro das cadeias, nas escolas, no cinema, no teatro, nas feiras populares. Estão nas canções, pois “dormir no teu colo é tornar a nascer”. Estão atentos ao que é implacavelmente insolúvel, como a solidão, a melancolia, a angústia. Estão desossando palavras, esfregando-as umas nas outras, fazendo-as florescer no matagal, na lama, no espaço sideral. Tenho, desde a adolescência, boas relações com poetas. Se eu possuo, pelo menos um pouquinho de transvisão (“o olho vê, o pensamento revê e a imaginação transvê”, Manoel de Barros), isso veio de meu pai, um poeta cordelista. Aliás, pelo critério de afinidade, tenho trançado diálogos efusivos com vários poetas, como Joaquim Pedro, Helaine Barbosa, Valéria Cristina da Silva, Gilmar Elias Rodrigues, Luiz Carlos Fadel, Márcio Melo, Luiza Helena, Rodrigo Emídio, Márcio Pinheiro, Bel Maia, Gustavo Brito, Nilson Jaime, Elson Olanda, Cláudio Luiz de Abreu Fonseca, Valdivino Borges de Lima, Giovanni Ribeiro, Geraldo Coelho Vaz, Sandra Maria, Geraldo Coelho Vaz, Écio Duarte, Ricardo Assis, Isis Lustosa, Ulysses Rocha Filho, Flavio Alves Barbosa e outros e outras. De Adão Francisco de Oliveira, recebo amiúde de seu coração negro e valente, poemas que cantam os meus traços peregrinos. Com Wolney Honório, poeta intenso, criamos uma espécie de bumerangue poético. Com frequência, lhe envio crônicas ou bilhetes para que a sua resposta seja imediata feita em forma de poesia. Como se fosse um idioma dentro do idioma, a voz poética do amigo Wolney é a declaração de um olhar vivaz e esfomeado. Quando lhe enviei a crônica “O amor e outras manhas de domingo”, publicada em 30.09.2024, no blog Multiplicadores de Visat, em que narro os almoços de domingo na casa da velha Luzia Chaveiro, em Trindade-Go, recebi essa resposta:

*Amar  
As manhãs  
Com manhas  
Amorosas*

*As guerras  
Não importam  
Se intrometem*

*O amor importa*

*Com a guerra há morte  
Com o amor há vida*

*A guerra teima em chegar  
O amor  
Já está*

*É por isso  
Que é bom  
Amar*

*As manhãs com manhas  
De bondade.*

*(Wolney Honório)*

Tenho descoberto o que parece irretocável:  
amor é semente de amor como poesia é semente de poesia.  
O ser poético se funda no sementeio, esse que decanta a vida  
e a torna densa – e interessante. ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*